

A lógica de Zelensky

Nuno Pereira de Magalhães | *Expresso* | 15 de março de 2022

Volodymyr Zelensky representa as legítimas aspirações de liberdade da Ucrânia, mas errou ao tentar garantir uma aliança com o Ocidente face a uma Rússia demasiado poderosa para o permitir. Com a trágica invasão e nas atuais circunstâncias, parece restar a Zelensky, com o apoio prudente do Ocidente, desgastar Putin ao máximo e procurar um acordo que garanta a independência política da Ucrânia mas que, por outro lado, reconheça a sua neutralidade

A Rússia levou o horror da guerra até à Ucrânia com o propósito expresso de pôr fim a um genocídio e a uma ameaça neonazi, mas o verdadeiro objetivo foi evitar preventivamente a sua ligação política e militar com o Ocidente através da UE e da NATO. Com uma invasão em larga escala, Moscovo procurou subjugar brutal e rapidamente a Ucrânia, de modo a neutralizá-la com facilidade, de preferência consolidando ganhos territoriais e promovendo uma mudança de regime. Vladimir Putin racionalizou, imoralmente, que o sangue dos militares ucranianos e dos civis apanhados no turbilhão da violência valem menos do que, supostamente, a segurança russa a longo prazo. No entanto, Moscovo ainda não conseguiu a vitória avassaladora e célere que procurava. Volodymyr Zelensky tem liderado a resistência, incentivando os seus compatriotas a lutarem contra os invasores russos até à libertação da Ucrânia. Qual a lógica estratégica de Zelensky neste jogo geopolítico?

Uma das estratégias básicas das grandes potências tem sido utilizar Estados-tampão na defesa de territórios geograficamente expostos, formando alianças ou, no mínimo, neutralizando os países fronteiriços com menos poder. Os EUA fizeram-no na América do Norte, da mesma forma que a Rússia procura fazê-lo na Europa de Leste. Moscovo não tolera uma Ucrânia militarmente alinhada com o Ocidente precisamente porque a considera um Estado-tampão – em conjunto com a Bielorrússia – essencial para impedir uma invasão convencional, um receio histórico alimentado pelas suas interações com Estados como a Comunidade Polaco-Lituana, a França napoleónica e a Alemanha nazi.

A tecnologia militar mudou, especialmente a capacidade de dissuasão dos Estados nucleares, mas esse tipo de vulnerabilidade continua a fazer-se sentir por parte das grandes potências, ainda que menos relevante do que no passado. Neste sentido, a Ucrânia só conseguiria aderir a uma aliança militar com o Ocidente – leia-se, a ordem liberal liderada pelos EUA e apoiada por atores como a UE - caso a Rússia se encontrasse demasiado fraca para o impedir, como nos anos que se seguiram à implosão soviética.

Na altura, a NATO e a UE – que mais tarde adptou uma ambígua cláusula de defesa mútua – conseguiram expandir-se até ao Báltico e às fronteiras da Rússia próximas dessa região, mas não tiveram condições estruturais ou políticas para incluir a Bielorrússia e

Ucrânia na sua esfera de influência e, por conseguinte, dar uma estocada final numa Rússia potencialmente hegemónica na Europa. Apesar do fortalecimento russo, especialmente evidente após a intervenção na Geórgia em 2008, vários políticos ucranianos procuraram a tal integração com o Ocidente, o último dos quais Zelensky. Uma aspiração geopoliticamente acertada – deixar de ser um Estado-tampão –, politicamente legítima e moralmente exigível por parte de milhões de ucranianos amantes da liberdade, mas que acabou por ser um erro estratégico devido às circunstâncias adversas a Kiev e a essa jogada.

Após a sua eleição, Zelensky seguiu a linha pró-ocidental defendida por antigos presidentes como Viktor Yushchenko e, mais timidamente, por Petro Poroshenko, em oposição a uma linha de neutralidade seguida por políticos como Viktor Yanukovych, mais do agrado de Moscovo. Essa linha pró-ocidental foi sendo incentivada pela UE e pela NATO – por exemplo, na cimeira de Bruxelas de junho de 2021 – mas permaneceu limitada, pela referida falta de integração institucional da Ucrânia.

A aproximação ao Ocidente também se refletiu no fortalecimento das forças armadas ucranianas – especialmente após os eventos de 2014, na Crimeia e no Donbas –, ilustrada por um aumento da despesa militar de 2,6 mil milhões de dólares em 2010 para 5,9 mil milhões de dólares em 2020 (fonte: Banco Mundial), destinado a fortalecer a sua capacidade assimétrica de dissuasão. Essa aproximação sem integração e o justificado crescimento militar ucraniano acabaram por incentivar a atual invasão russa, com Putin a aproveitar ainda um contexto internacional desfavorável ao Ocidente, principalmente a fragilidade política dos EUA – ilustrada pelo fraco apoio doméstico a Joe Biden e pela desastrosa retirada do Afeganistão – assim como a agudização da fraqueza militar da UE após o Brexit e a ausência de uma protagonista de peso como Angela Merkel.

Após a invasão restou a Zelensky resistir e aumentar os custos militares, políticos, económicos para Putin, de modo a forçar um acordo que fosse minimamente satisfatório para ambas as partes. Zelensky procura não apenas travar a perda de vidas ucranianas, mas também a sobrevivência do regime, a sua permanência numa solução de governo, o não reconhecimento da Crimeia e das repúblicas separatistas no Donbas e, se possível, deixar em aberto a possibilidade de adesão gradual à UE como Estado neutral, apesar da ligação desta organização com a NATO.

Em caso de uma derrota rápida da Ucrânia, especialmente se Zelensky fugisse, na melhor das hipóteses o resultado seria a mudança de regime, a neutralização do país sem possibilidade de adesão à UE e o reconhecimento da anexação da Crimeia e das repúblicas separatistas. Foi para o evitar que Zelensky organizou a defesa militar do país e pediu desesperadamente o apoio do Ocidente, procurando fazer da invasão russa uma ameaça não apenas ao seu país mas também a toda a ordem liberal internacional.

O cenário ideal para Zelensky seria o apoio incondicional do Ocidente no conflito, especialmente da NATO, assim como medidas concretas de integração nas instituições ocidentais, exemplificado pelo seu apelo a uma adesão imediata à UE através de

procedimentos excepcionais. No entanto, os riscos para o Ocidente fazem com que esses objetivos de apoio incondicional e integração concreta no presente sejam irrealistas. Assim sendo, a única opção viável seria um apoio limitado que lhe permitisse forçar as tais negociações em termos privilegiados.

Zelensky não deixou de apelar ao apoio incondicional e integração, chegando até a criticar a NATO e a UE por não optarem por esse tipo de estratégia, mas parece tê-lo feito apenas para pressionar as chancelarias europeias a oferecerem, dentro de um quadro realista, o mais sólido suporte possível. Em primeiro lugar, um apoio militar indireto. O projeção de forças da NATO no terreno ou mesmo uma zona de exclusão aérea estão fora da mesa, mas o Ocidente pode apoiar indiretamente através, por exemplo, de voluntários ou do envio de equipamento militar, como baterias antiaéreas ou a mais arriscada escolha de entregar caças à Ucrânia, ideia já defendida anteriormente pelo Secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken. Em segundo lugar, obter o apoio económico e social dos EUA e da UE, seja através do auxílio económico e humanitário à desesperada população da Ucrânia ou, em termos negativos, da aplicação de pesadas sanções gerais à Rússia.

Kiev tem conseguido atrasar significativamente o avanço russo e a pressão internacional sobre Moscovo começa a fazer-se sentir, pelo que tanto Putin como Zelensky têm sinalizado a sua abertura em relação a negociações. Por exemplo, a Rússia tem reiterado que não procura derrubar o regime e a Ucrânia deixou cair a integração da NATO como prioridade. É possível que Zelensky alcance o mínimo pretendido caso continue a resistir no terreno em conjugação com um forte apoio ocidental, especialmente se o Ocidente continuar a fornecer apoio militar indireto e aceitar os custos inerentes à implementação de sanções pesadas a Moscovo.

Face à atual distribuição de poder e à posição geopolítica da Rússia, a neutralização da Ucrânia e a não devolução de todos os seus territórios num futuro próximo podem não agradar a Kiev, mas seria um mal menor compensado por vidas humanas que não se perderiam, pela sobrevivência do regime, e eventualmente por um fortalecimento das relações com a UE. Da parte do Ocidente é necessário garantir que Putin não realiza todos os seus objetivos e, da parte ucraniana, Zelensky tem de encontrar conforto na ideia de que o jogo não acaba aqui e que, com outro tipo de distribuição internacional de poder, a Ucrânia poderá acabar por realizar todos os seus sonhos de liberdade.

<https://expresso.pt/opiniao/2022-03-15-A-logica-de-Zelensky-14a54667>